

JOSÉ VERÍSSIMO: A CORRESPONDÊNCIA COM A COR LOCAL.

Alessandra Pamplonaⁱ (UFPA/CAPES)
Germana Salesⁱⁱ (UFPA/CNPq)

RESUMO: A história crítica de José Veríssimo teve seu apogeu com a obra *História da Literatura Brasileira* (1916), na qual o ideal das letras foi esclarecido a fim de justificar, por meio de bases positivistas e naturalistas, a formação cultural e literária da nação brasileira. Todavia, essa maturidade intelectual requereu antes uma abordagem com vias a sistematizar os estudos brasileiros, conforme observado em seu diálogo com Machado de Assis e na autenticidade estrutural da obra *Primeiras Páginas*, de 1878. Diálogo este requerido pelo estudo aqui apresentado, a fim de que se situe a definição da crítica inicial de José Veríssimo.

PALAVRAS-CHAVE: José Veríssimo, crítica Literária, correspondência, cor local.

INTRODUÇÃO

Em *A Literatura Paraense* (1922), J. Eustáchio de Azevedo apresenta um esboço do estado literário da intelectualidade paraense, situado entre os primórdios de nossa formação letrada, com o aparecimento de Tenreiro Aranha, ao estabelecimento da associação *A Mina Literária*, em 24 de dezembro de 1894. Nesta obra, o autor se refere aos reduzidos estudos a respeito da região amazônica, citando os nomes de Paulino de Brito, Souza Filho e Coelho Netto dentre os quais fizeram figurar em seus compêndios as letras regionais; em contrapartida, a coleção *Obras Célebres* é tida, segundo as palavras do próprio crítico, “um verdadeiro conto do vigário” e sendo dessa qualidade, ratifica a atitude de uns poucos literatos que não fizeram jus nem aos critérios da “boa crítica”, nem à literatura nortista.

A tese sustentada por Azevedo é de que “da história da literatura paraense, propriamente dita, ninguém, que [ele] saiba, até hoje tratou...” (1922, p.9) e a justifica levando em consideração o estudo de José Veríssimo a propósito da supracitada *Obras Célebres*, na qual “como aliás em todos os escritos de José Veríssimo, o Pará brilha pela ausência” (1922, p. 10). Conforme o autor de *A Literatura Paraense*, esse descrédito, adotado por Veríssimo, começava já por ocasião da publicação da *Revista Amazônica*, de 1883:

E que, na opinião do abalisado crítico e ríspido analista, nas resenhas e estudos... ‘o Pará é impossível figurar’ e a quem, com pesar dizia, ‘a civilização brasileira nada, absolutamente, deve’ (*Revista Amazônica*, págs.174) [...] Se isto não é dura injustiça que se nos faz, não sei que outro nome possa ter (AZEVEDO, 1922, P. 9)

Ao final da introdução dessa obra é agenciada maior divulgação de nossas letras, principalmente porque de boa parte dos estados brasileiros, ela é realizada a partir de estudos cômicos, permitindo a expansão de livros e o esclarecimento da literatura; ao Pará não coube o tal convite das *Obras Célebres*, nem a atenção de José Veríssimo, por isso,

Arcando contra esse esquecimento lamentável, que nos relega ao nível dos apedeutas, dos povos sem cultura intelectual nenhuma, é que publiquei [Eustachio de Azevedo] a “Antologia Amazônica”, como um brado de revolta, e agora me abalanço a dizer algo do movimento literário do Pará, desconhecido ou deslembado até hoje, infelizmente, pelos nossos máximos escritores e críticos. (AZEVEDO, p. 12)

Na primeira parte do livro, ao falar sobre a escola sertaneja no norte do Brasil, cita os nomes de Bitencourt Sampaio, Franklin Doria, Bruno Seabra como fundadores de um sentimento voltado à celebração do que de campesino, bucólico e “tipicamente nosso” tem o Pará; e Veríssimo aparece com sua obra *Cenas da Vida Amazônica*, “com tendências naturalistas” e integrante de um grupo de “sertanistas sugestivos e de destaque” (AZEVEDO, p. 30).

De acordo com Azevedo, essa escola introduziu no Pará o desejo de intelectuais em fazerem da região um sustentáculo à vida amazônica:

Entre nós, paraenses, a escola “sertaneja” foi frutuosa; dela tivemos cultores apaixonados que deixaram livros magníficos, cujas páginas destilam o perfume suave e delicioso de nossas matas e possuem o valor e as modalidades da vida paraense do sertão (AZEVEDO, p. 30).

Todavia, desconhecida e talvez não estudada por Azevedo, é a obra **Primeiras Páginas** (1878), de José Veríssimo, a qual, citada apenas, numa pequena biografia é, provavelmente, o primeiro livro do crítico paraense.

1. AS **PRIMEIRAS PÁGINAS** DE CORRESPONDÊNCIAS

Aos 12 anos, Veríssimo viaja ao Rio de Janeiro para estudar as primeiras letras. De volta ao Pará, publica a **Revista Amazônica**, intensificando seus estudos e mantendo forte diálogo com Lúcio Mendonça, Visconde de Taunay, Silvio Romero e outros para a consolidação da primeira assembléia à criação da **Academia Brasileira de Letras** (1897); ao que consta em sua biografia, foi fundador também da Revista Brasileira, importante veículo entre os intelectuais do País. Entretanto, suas correspondências talvez, tenham sido estreitadas por ocasião da publicação da referida Revista Amazônica, conforme observado na obra **Obras Completas: Correspondências**, de Machado de Assis:

Com esta receberá V. Ex. o primeiro nº da “Revista Amazônica”, da qual sou Diretor. – é uma tentativa, talvez utópica, mas em todo o caso, bem intencionada. Não sei se terá mais, ou, pelo menos, tanta vida como a “Brasileira”. Eu por mim o que posso prometer é que farei tudo para que viva. Mas eu só, no meio de uma sociedade onde os cultores das letras não abundam, nada posso [...] É, pois, para pedir a sua valiosíssima colaboração...(Veríssimo *apud* MACHADO, 1962, p. 127-128)

Na correspondência do dia 12 de junho de 1899, por exemplo, Veríssimo agradece aos elogios que fez Machado a respeito da obra **Cenas da Vida Amazônica** (1886). A relação de amizade entre eles colaborou para estreitarem os ideais e constituírem alianças intelectuais, alicerçando um instinto de nacionalidade presente em quase tudo que escreviam:

[...] eu gostava do livro [Cenas da Vida Amazônica] pelo que havia nele das minhas emoções juvenis, das cenas e paisagens em que fui parte e onde vivi, do amor do torrão natal com tudo que a saudade do passado lhe empresta de belezas e delícias; foi, porém, V. que me fez estimá-lo, que me deu a confiança que ele não seria de todo desvalioso...(Veríssimo *apud* MACHADO, 1962, p. 148)

Os “contratos literários” com o grupo intelectual do Rio de Janeiro permitiram, senão mais alargaram, a formação intelectual de José Veríssimo, importante propagador dos ideais de nacionalidade da literatura brasileira, como os críticos dos anos oitocentos, no Brasil.

O conceito de nacionalidade foi por ele discutido, enfrentando principalmente o postulado romântico de que estaríamos em essência e formação somente a partir da cultura e história indígena. A defesa de um povo heterogêneo e, conseqüentemente uma literatura tematizada por instâncias diferentes, permitiu que se refizesse a compreensão acerca do nacional, notadamente, do elemento que caracteriza quaisquer sociedades, a Língua. Dessa forma, cabe ressaltar a publicação, primeiramente em folhetim e posteriormente em livro, da obra **Primeiras Páginas** (1878) que o representou como um crítico em formação, além de ratificar a concretização de um projeto literário.

Nas palavras de Machado de Assis, em **Crítica Literária** (1962), teríamos um escritor preocupado com o estudo local, mas sem a limitação de excluir de todo a origem de nossa literatura, pois “O que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”(MACHADO, p135).

Sem dúvida, Veríssimo atendeu a esses pressupostos, uma vez que na sua primeira obra – composta por três capítulos cada qual inserindo um elemento novo ao seguinte, há a presença do

elemento **cor local** como formador da expressão brasileira, porquanto é apresentada uma tese baseada na heterogeneidade étnica, a fim de que esta, em sua particularidade regional, possa contribuir ao cenário nacional de recepção e produção de obras. A literatura era assim entendida por ele:

Estas palavras do ilustre sábio [Ferdinand Denis] a respeito do Brasil são para nos uma revelação e mais importante ainda porque essa idéia existia já, embora em embrião, no nosso espírito. Elas vieram fazer assentar o nosso pensamento de que é do estudo dos elementos étnicos que concorreram para formar a nacionalidade brasileira que há de nascer em nos o espírito do de raça e com ele o sentimento do nosso 'brasileirismo' (p. 223).

Adotando como pressuposto teórico o escritor Ferdinand Denis, a nossa origem é afirmada por um viés de mestiçagem, por isso a *heterogeneidade* de nossa formação. De acordo com isso, discorre, na primeira parte de seu estudo, sobre o cruzamento de raças no Pará, definido, a partir de uma temática regionalista, uma das feições do quadro brasileiro. De acordo com João Alexandre Barbosa sua linguagem é inovadora na cultura letrada dos oitocentos, porquanto, os estudos etnográficos concorreram para sua *tese da pluralidade étnica*:

Assim, por exemplo, em lugar da interpretação unilateral do indígena, fundada num ponto de vista sentimental que se entronca nas elaborações de Rousseau do 'homem natural', ele propõe a objetividade dos estudos de etnografia indígena, assentados numa perspectiva de pluralidade de formação étnica... (BARBOSA, 1974, p. 95)

Apesar de, no último capítulo de **Primeiras Páginas – A Literatura Brasileira sua Formação e Destino** analisar, de maneira geral, a literatura brasileira, excluindo, por assim dizer, a paraense, ele ratificou, mesmo que inconscientemente, a importância da tradição local e regional para tais estudos, de forma a perceber, no conjunto da obra, uma concordância temática entre os três ensaios. A corrente sociológica permitiu-lhe estruturar conscientemente o fenômeno literário, porque de ensaio a ensaio amplia-se o conhecimento do leitor acerca da tradição local, apresentando-lhe uma exaustiva minúcia ao falar de sua viagem a Monte Alegre e Óbidos; segundo, por aparentar uma feição de escritor de ficção e resignificar toda uma descrição da paisagem, dos tipos, das tradições do primeiro item, em um tom mais artístico. Assim, em outros termos, ele afirma que a expressão da origem e cultura mestiça nacional se dá a partir da constituição da pesquisa e dos hábitos locais.

Conforme Barbosa (1974):

Vista em conjunto, a intenção da obra salta clara: penetrar a realidade da Região Amazônica, utilizando-se da linguagem em dois níveis diferente: o especificamente referencial ou informativo do ensaísmo etnográfico e o poético dos quatro contos, oscilando entre os dois os trechos mais ou menos indefinidos dos esboços (p. 51)

Acrescenta-se, ainda, que essa constituição não buscou somente “a dependência entre as duas partes do livro” (BARBOSA, 1974, p. 51), mas, figurou-se, sobretudo, como um modelo a ser seguido, com esquemas ficcionais, estruturais, analíticos, descritivos e críticos aos escritores, de forma que, no terceiro capítulo, engloba todas essas funções anteriores, questionando a nossa dependência em relação à Europa:

O Brasil precisa romper as facha de criança que ligam-n’o ainda a Europa. Não basta afirmar que somos um povo independente com a carta de alforria, de 29 de agosto de 1825 na mão. É preciso mais. Cumpre que as nossas letras, a nossa ciência, as nossas idéias, os nossos costumes tenham uma feição própria. (VERÍSSIMO, 1878, p. 215)

Considerado o estado de degenerescência da literatura brasileira, ele vincula à atividade crítica boa parte da pouca originalidade brasileira, isso porque “o esquema do ensaio está fincado em duas linhas essenciais”: uma que demonstra “a carência de originalidade da Literatura Brasileira, a outra que aponta o estudo etnológico e histórico como possibilidades de regeneração desta mesma literatura” (Barbosa, 1974, 95). Assim, uma feição característica para o Brasil seria,

segundo ele, a adoção de um gênero capaz de englobar toda a miscigenação e, sobretudo por uma crítica que o considere uma função de valor para a sociedade.

Ai estava, porém, a ignorância popular engendrando o nenhum amor a leitura e obrigando os nossos literatos, a quem não faltava talento, nem vontade talvez, a mentirem a sua vocação e a escreverem somente de modo a poderem ser lidos e benquistos de leitores ignorantes e sem gosto, para não verem seu livros serem comidos pelas traças nas estantes das livrarias; e a pseudo-crítica que lê primeiro o nome do autor do que o título da obra e indaga-lhe da posição que ocupa antes de estudar-lhe o livro.(VERÍSSIMO, 1878,p. 217)

Dessa forma, estaria fundamentada a feição estrutural e temática do livro **Primeiras Páginas**, mormente porque no segundo capítulo – *Quadros Paraenses*, a cor local é base para a constituição de uma literatura nacional, além de firmar o desejo de Veríssimo em se integrar aos produtores intelectuais do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. **Obras Completas de Machado de Assis. Crítica Literária**. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira Ltda., 1962.

ASSIS, Machado de. **Obras Completas: Correspondências**. Rio de Janeiro: W.M. Jackson INC. Editores. 1962, p. 127-213.

AZEVEDO, José Eustáquio de. **Literatura Paraense**. Belém, Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, Secretaria do Estado de Cultura, 1990.

BARBOSA, João Alexandre. **A tradição do impasse: Linguagem da Crítica & Crítica da Linguagem em José Veríssimo**. São Paulo: Ática, 1974.

VERÍSSIMO, José. **Primeiras Páginas**. Belém: Gutemberg, 1878, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1894.

ⁱ Alessandra Greyce Gaia PAMPLONA, mestranda em Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará.
(UFPA- Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas)
aleggp@yahoo.com.br

ⁱⁱ Germana Maria Araújo SALES, Doutora em Teoria Literária pela Unicamp, professora Adjunto II na Universidade Federal do Pará.
(UFPA – Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas)
sangs@uol.com.br